



Concepção dos Usuários do Centro de Atenção Psicossocial acerca da eficácia do tratamento com Antidepressivos

*Thalita Alves Pereira¹, Maria Nathália Francalino Duarte², Micaelle de Sousa Silva³,
Vitória de Oliveira Cavalcante⁴, Janaina Batista Pereira⁵,
Izabel Cristina Santiago Lemos de Beltrão⁶*

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é tomar conhecimento referente à concepção dos usuários de antidepressivos acerca da eficácia terapêutica desses psicofármacos. O estudo foi realizado em um Centro de Atenção Psicossocial, localizado em Iguatu, Ceará, através de um roteiro para entrevista semiestruturada e formulário para levantamento de dados socioeconômicos. Para organização e análise dos dados, foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Identificou-se que a maioria dos usuários entrevistados eram do sexo feminino, com baixa renda, ensino superior completo e diagnóstico clínico de depressão e transtornos de ansiedade. O antidepressivo mais prescrito foi a fluoxetina. A maioria da amostra referiu que o tratamento com antidepressivos é eficaz, esboçando também certa dependência e uso da psicoterapia como adjuvante. A contemplação de aspectos atrelados à concepção de eficácia pelo usuário pode fomentar a autonomia na condução e na formulação do projeto terapêutico singular, promovendo também o uso racional dos psicofármacos.

Palavras-Chave: Antidepressivos. Saúde Mental. Serviços de Saúde Mental.

Concept of Psychosocial Care Center users on the efficacy of Antidepressive Treatment

Abstract: The aim of the study is to know the conception of antidepressant users about the therapeutic efficacy of these psychotropic drugs. The study was conducted at a Psychosocial Care Center, located in Iguatu, Ceará, through semi-structured interviews and a form to survey socioeconomic data. For data organization and analysis, the Collective Subject Discourse (CSD) was used. Most of the users interviewed were female, with low income, complete higher education and clinical diagnosis of depression and anxiety disorders. The most prescribed antidepressant was fluoxetine. Most of the sample reported that antidepressant treatment is effective, with some dependence and use of psychotherapy as adjuvant. The contemplation of aspects linked to the conception of efficacy by the user can foster autonomy in conducting and formulating the singular therapeutic project, also promoting the rational use of psychotropic drugs.

Keywords: Antidepressants. Mental health. Mental Health Services.

¹ Psicóloga. Especialização em andamento em Neuropsicologia pela UNICHRISTUS. Psicóloga da Atenção Básica (AB). thalitaalvesp@hotmail.com;

² Psicóloga. Centro Universitário Vale do Salgado, UNIVS. duartenathalia@hotmail.com;

³ Graduanda em Enfermagem pela URCA; Membro do Projeto de Extensão Promoção da Saúde e Sustentabilidade em Comunidades Quilombolas (PROEX/URCA). sousamicaelle@gmail.com;

⁴ Graduanda em Enfermagem pela URCA; Membro do Projeto de Extensão Promoção da Saúde e Sustentabilidade em Comunidades Quilombolas (PROEX/URCA).. vitoriao2000@gmail.com;

⁵ Psicóloga. Mestre pela Faculdade de Medicina do ABC/SP. Psicóloga Clínica. janaina@fvs.edu.br;

⁶ Enfermeira. Mestre em Bioprospecção Molecular (URCA). Professora Assistente do Departamento de Enfermagem (DENF/URCA).. izabeldebeltrao@gmail.com.

Introdução

Os antidepressivos (AD) são prescritos para o tratamento da depressão, agindo na prevenção do surgimento dos sintomas, ou na sua remissão. Além disso, os AD são utilizados para o manejo dos sintomas de diversos transtornos mentais, tais como os transtornos de ansiedade, bem como prescritos ainda para o tratamento de dores crônicas (LOYOLA FILHO et al., 2014). Nesse sentido, a maioria dos indivíduos que adere a esse tipo de tratamento, assegura a terapêutica como relevante e positiva, com impactos significativos no controle dos sintomas e na qualidade de vida (LIMA, 2015).

Porém, vale salientar sobre alguns estudos que apontam fragilidades da terapia farmacológica. Desse modo, pesquisas mostram que no transtorno depressivo maior a terapêutica não é tão eficaz, alertando para os retornos dos sintomas depois de uma periodicidade de tempo e também a alta taxa de abandono e de não-adesão relacionada aos sintomas adversos (CRUZ; CHARIGLIONE, 2016; STAHL, 2014).

Em relação ao uso de psicotrópicos, no geral, a literatura tem indicado um aumento vertiginoso de 3,1 % do uso dessas substâncias sintéticas nas últimas décadas, especialmente na classe dos antidepressivos. Esta ampliação ao consumo dos AD pode estar relacionada ao aparecimento de novos fármacos pertencentes a esta classe, recomendações mais genéricas visando o uso imediatista da abordagem farmacológica, assim como também a ampliação dos diagnósticos nos quadros depressivos na sociedade de forma global (RIBEIRO et al., 2014).

Desse modo, a presente pesquisa, tem por objetivo tomar conhecimento referente à concepção dos usuários de antidepressivos acerca da eficácia terapêutica dessa classe de psicotrópicos, tão largamente prescrita e aplicada na prática clínica para o manejo de diversos transtornos mentais, possibilitando uma compreensão mais apurada sobre o sentido atribuído à terapêutica farmacológica para a depressão, a partir da visão de seus usuários.

Método

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo, descritiva com abordagem qualiquantitativa. Esta pesquisa foi executada através de uma entrevista semiestruturada, tendo como proposta colher elementos acerca da percepção e da experiência sob a eficácia dos fármacos antidepressivos no discurso do paciente. O estudo foi realizado no

Centro de atenção psicossocial (CAPS III), localizado na cidade do Iguatu, no estado do Ceará, esta cidade corresponde a uma população estimada de 102. 614 habitantes, com uma área territorial 1.0129,214 (IBGE, 2017).

Como critérios de inclusão para a amostra, têm-se: 18 anos ou mais, independente de gênero, escolaridade, religião e diagnóstico ou suspeita diagnóstica, ser usuário da instituição do CAPS III, com registro em prontuários e fazer uso de antidepressivos por no mínimo 6 meses. Constituiu como critério de exclusão pessoas incapacitadas de verbalizar livremente seus pensamentos ou pessoas com comprometimentos cognitivos.

As entrevistas foram realizadas na própria instituição, entre os meses de março e abril de 2018, em sala reservada ou outro lugar de preferência dos participantes, os mesmos foram informados que poderia haver desistência em qualquer momento da pesquisa se essa for sua vontade. Os entrevistados foram ouvidos individualmente fomentando sua autonomia para que esteja à vontade para responder. Foi utilizado também um gravador digital, com o consentimento do entrevistando, e os dados colhidos foram empregados exclusivamente para fins científicos. Em seguida à gravação, as entrevistas foram transcritas fidedignamente para análise.

Ao realizar a análise dos dados foi adotada a técnica metodológica criado por Lefèvre e Lefèvre (2003), denominada Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, que incide na conexão de discursos de formatos individuais, construídos através de uma pergunta subjetiva, possibilitando de forma eficaz a expressão e a cognição de um conjunto significativo de elementos.

O mencionado projeto acatou as indicações formais sucedidas da Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre estudos que envolvem seres humano, preservando o respeito à dignidade das pessoas que participam de pesquisas científicas (BRASIL, 2012). Antes de ser iniciada a referida pesquisa, a instituição de instância maior esteve ciente da natureza e dos objetivos do estudo, concedendo autorização através do termo de anuência. Além disso, a coleta de dados ocorreu após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (Unileão), sob parecer: 2.526.82.

Resultados e Discussões

Participaram da pesquisa 10 usuários da instituição do CAPS III que utilizam antidepressivos. Segue perfil, conforme Tabela 1.

Tabela 1- Distribuição das variáveis de usuários do CAPS III, Iguatu (CE).

Município Iguatu-CE	Variável	N
Sexo		
Masculino		01
Feminino		09
Idade		
> 18 anos < 25 anos		02
> 25 anos < 35 anos		02
> 35 anos < 45 anos		04
> 45 anos < 55 anos		01
> 55 anos < 65 anos		00
> 65 anos		01
Estado Civil		
Solteira(a)		04
Casado(a)		04
Divorciado/Separado(a)		02
Viúvo(a)		00
Escolaridade		
Fundamental		02
Fundamental Incompleto		01
Médio		02
Superior		04
Superior Incompleto		01
Renda Mensal		
< 1 Salário Mínimo		01
Recebe Auxílio Governamental		04
> 1 Salário mínimos e < 3 Salários		05
> 3 Salário mínimos		00
Diagnóstico		
Depressão		07
Ansiedade		03
Tempo de Caps (III)		
< 1 ano		03
> 1 ano e < 3 anos		02
> 3 anos e < 5 anos		02
> 5 anos e 10 anos		01
> 10 anos		02
Total		10

Fonte: Elaborado pelo autor. Icó-CE, 2018.

Prosseguindo, no Quadro 1, estão representados os antidepressivos, bem como demais psicofármacos prescritos aos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Psicofármacos prescritos para usuários do CAPS III, Iguatu (CE)

Composição Farmacêutica	Classe Farmacológica	N
Fluoxetina	Antidepressivo (ISRS)	04
Citalopram	Antidepressivo (ISRS)	02
Escitalopram	Antidepressivo (ISRS)	02
Sertralina	Antidepressivo (ISRS)	02
Lítio	Estabilizador de Humor	04
Quetiapina	Antipsicótico (Atípico)	02
Carbamazepina	Anticonvulsivante/ Estabilizador de Humor	01

Fonte: Elaborado pelo autor. Icó-CE, 2018.

No quadro 1, observa-se uma hegemonia na prescrição de antidepressivos da classe dos Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS), em detrimento aos atípicos, aos tricíclicos clássicos (ADT) e aos inibidores da monoaminoxidase (IMAO). Esse fenômeno deve-se, não apenas à referida eficácia terapêutica dos ISRS, como também aos altos níveis de tolerabilidade e de menos efeitos adversos relacionados aos ISRS. Vale ressaltar que a Paroxetina, fármaco notadamente conhecido dos ISRS não foi prescrito, provavelmente por conta dos seus efeitos adversos proeminentes associados ao ganho de peso e à disfunção sexual (STAHL, 2014).

No que concerne à compreensão dos usuários referente à eficácia farmacológica do tratamento com antidepressivo, observamos os dados para o DSC elencados na Tabela 2.

Tabela 2 - Relação entre ideia central da questão 1, proporção das respostas de acordo com os participantes da pesquisa e DSC.

Pergunta: Na sua opinião, o uso da terapia medicamentosa com antidepressivos, melhorou seu estado de saúde mental? Por que você pensa assim?

Ideia Central		Informantes	
		N	%
A	Não, não percebi melhora significativa para o meu quadro clínico	2	20
B	Sim, percebi melhora significativa para o meu quadro clínico	8	80

Total dos informantes: 10

Discurso do Sujeito Coletivo – DSC

Ideia Central A: Não melhorou o meu estado, porque não consigo fazer nada, nada! É uma tristeza que não passa. Uma hora acho que não serve de nada, não vejo essas coisas toda não, tem horas que me dá sonolência, não sei se é porque ainda não estou acostumada nesses seis meses, já era pra eu ter começado há muito tempo, mas eu sempre adiava, aí chegou ao extremo e tive que tomar.

Ideia Central B: Sim, melhorei bastante meu estado de saúde, meu estado de saúde mental! Consegui voltar às atividades normais depois de um tempo do uso e a me sentir melhor em relação à depressão. Eu penso mais nos meus atos, eu tenho mais raciocínio, o remédio me acalma mais, me ajuda nas alterações de humor e a ter ânimo para fazer as coisas – as atividades cotidianas –, porque, antes, não conseguia fazer as coisas dentro de casa. Além disso, eu pensava muito em suicídio, o médico passou a medicação e realmente estou parando mais, já não penso tanto, diferente de quando não estou tomando a medicação. Então, apesar das troca de medicamentos, meu estado de saúde melhorou.

Fonte: pesquisa direta, 2018.

Insurge nos discursos a eficácia do tratamento com antidepressivos, expresso pela a fala do sujeito que o utiliza, compreende-se que a maioria consegue perceber melhora no seu estado de saúde mental, conforme evidenciado pela IC B, representando 80% da amostra. Na tabela 3, abaixo, observamos a dependência do recurso farmacológico e as implicações orgânicas causadas pelo o uso.

Tabela 3 - Relação entre ideia central da questão 2, proporção das respostas de acordo com os participantes da pesquisa e DSC.

Pergunta: Você acredita que um dia será possível viver sem o uso da medicação para se sentir melhor? Por quê?

	Ideia Central	Informantes	
		n	%
A	Sim, creio que um dia viverei sem o uso da medicação	2	20
B	Sim, pois os efeitos terapêuticos da medicação são indiferentes	2	20
C	Não, creio que não consigo mais viver sem o uso da medicação	6	60

Total dos informantes: 10

Discurso do Sujeito Coletivo – DSC

Ideia Central A: Sim, porque a medicação acho que ajuda em estado de crise, mas não se faz necessário o uso a vida inteira, acredito que tem outras formas de viver bem sem a medicação. E não é só medicação é a terapia também, eu faço a terapia e eu acredito sim, que um dia eu possa melhorar e não tomar essas medicação, e um dia até não fazer mais a terapia, acredito que vou melhorar!

Ideia Central B: Acredito que sem o medicamento eu seguiria normal por que eu sempre vivi sem e me acho do mesmo jeito.

Ideia Central C: Não, jamais! Porque preciso [do medicamento] pra controlar o meu estado, deixar mais estável, pra me ajudar, sem eles não tenho coragem pra nada, preciso dele para me sentir melhor, ficar mais ativa e ele inibe meus pensamentos suicidas e ajuda no meu estado físico, por isso, acho que não!

Fonte: pesquisa direta, 2018.

A partir das IC apresentadas, observa-se uma prevalência no que concerne à dependência do psicofármaco, pois 60% da amostra expressou a IC C: “creio que não consigo mais viver sem o uso da medicação”. Nesse sentido, Braga et al. 2016, pontua que, mesmo quando utilizadas sem expressar reações adversas ou interações farmacológicas, o uso de substância psicoativas, tais como antidepressivos, pode acarretar em dependência psíquica e fisiológica, em graus variados, assim como tolerância e abstinência.

Na Tabela 4, por sua vez, apresenta-se a utilização de outras modalidades terapêuticas em associação ao uso de psicofármacos pelos participantes do estudo, no qual, 90% relataram o acompanhamento psicológico.

Tabela 4 - Relação entre ideia central da questão 3, proporção das respostas de acordo com os participantes da pesquisa e DSC.

<i>Pergunta:</i> Você adere a outro tipo de tratamento para o/a [citar diagnóstico], fora a utilização dos antidepressivos? Em caso afirmativo, qual?			
Ideia Central		Informantes	
		n	%
A	Sim, atualmente faço acompanhamento psicológico	9	90
B	Sim, atualmente faço acompanhamento psicológico e outras terapias e atividades	2	20
C	Sim, já fiz acompanhamento psicológico, mas atualmente só utilizo os antidepressivos	2	20
D	Não, nunca	1	10

Total dos informantes: 10*

Discurso do Sujeito Coletivo – DSC

Ideia Central A: Faço terapia com a psicóloga, a terapia me ajuda bastante, tem me ajudado muito, melhorei demais e acredito que só o uso da medicação não é suficiente, principalmente pra quem tem o diagnóstico de depressão como eu. Antes não acreditava no tratamento da terapia psicológica, eu não fazia, era só a medicação. Mas ter alguém pra conversar, me ouvir, alguém que oriente e poder falar sobre o seu sofrimento, realmente ajuda muito. Se você não se ajudar, não tiver terapia, não tiver acompanhamento, não tiver pessoas que você confie e ficar só na medicação e não tiver uma pessoa pra conversar, aquele carinho, aquela palavra [...] só a medicação não te levanta de uma ansiedade e depressão, não! Conversando com a psicóloga, eu ainda não consigo ter as respostas, por que eu mesma vou ter que dar pra mim, mas, assim, eu já consigo me abrir, ela vai fazendo perguntas e eu mesma vou questionando as minhas respostas e eu estou melhorando. Fiz por muito tempo o ambulatório de prevenção ao suicídio, minha terapia era a intensiva, mas atualmente minha frequência e ida a terapia diminuiu, pelo estado de melhora que já tive.

Ideia Central B: Além da terapia com psicólogo, faço terapia ocupacional e atividades físicas, acho que ajuda mais do que a medicação, a medicação ajuda, mas se você não tiver outras bases pra você sustentar, só a medicação não funciona sem outras atividades.

Ideia Central C: Já passei na psicóloga, mas não vou mais. Fiz terapia de grupo e individual, mas nunca mais passei, a gente não ver resultado, aí parei.

Ideia Central D: Não, nunca fiz.

*** Os participantes podem apresentar mais de uma ideia central em seus discursos.**

Fonte: pesquisa direta, 2018.

Observa-se que as psicoterapias se fizeram presentes no tratamento dos participantes da pesquisa. Assim, a maioria dos discursos expressa a combinação de tratamento farmacológico e psicoterapia para o manejo do quadro clínico associado à depressão e à ansiedade.

Considerando a prevalência dos participantes da pesquisa foi do sexo feminino, isso pode estar relacionado a diversos fatores biológicos e sociais, bem como à natureza de atendimento do serviço. Nesse âmbito, no estudo de Nascimento et al. (2014), realizado na cidade de Maceió (AL), que objetivou identificar o perfil epidemiológico de crianças e de adolescentes em um CAPSi, foi identificada uma prevalência do gênero masculino (74,2%) em uma amostra de 132 participantes. Conseqüentemente, na pesquisa de Almeida et al. (2014), conduzida na cidade de João Pessoa (PB), em um CAPSAD III, foi observada uma prevalência estatisticamente significativa do sexo masculino, em comparação ao feminino, correspondendo a 86,68% da amostra.

No que concerne à idade, ao estado civil e à renda, os achados da presente pesquisa corroboram com outros estudos, inclusive com investigações realizadas previamente no município de Iguatu – CE. Por exemplo, no estudo de Carvalho, Silva & Rodrigues (2010), foram coletadas informações de 143 prontuários, referente aos usuários cadastrados nos três CAPS do município. Constatou-se que a média geral de idade para os usuários era de 42 anos, com 20,7% referindo renda familiar entre 1 a 2 salários mínimos, sendo o estado civil prevalente o de casado (51,7%), seguido pelo estado civil de solteiro (38%).

Provavelmente, os achados apontados na tabela 1 devem-se ao fato de existir uma concentração maior de diagnósticos de síndromes hipercinéticas e de uso/abuso de substâncias (dependência), respectivamente, entre indivíduos do sexo masculino, quando comparadas ao diagnóstico de depressão, por exemplo, ou transtornos afetivos. Todavia, sabe-se que aspectos psicológicos, genéticos e de gênero são considerados para justificar uma maior busca dos indivíduos do sexo feminino aos serviços de saúde, e, conseqüentemente, à adesão ao plano terapêutico farmacológico (JUSTO; CALIL, 2006).

Observa-se ainda que a maioria dos entrevistados possuíam ensino superior, esse resultado difere substancialmente do grau de escolaridade apresentado por outras pesquisas, tais como a de Peixoto et al. (2017), conduzida em Exú (PE), na qual se prevaleceu usuários com escolaridade referente ao fundamental incompleto, representando 23,7% da amostra, seguida de pessoas não alfabetizadas, com percentual de 18,6%. Conseqüentemente, na pesquisa de Oliveira e Silva (2014), realizada em Teresina (PI), o nível de escolaridade apresentado por

50% da amostra foi fundamental incompleto, embora os autores pontuaram que pessoas com ensino superior e pós-graduação também utilizavam o serviço, representando 6,25% dos usuários.

Destaca-se que, para a presente pesquisa, maioria dos entrevistados apresentava diagnóstico de depressão e de transtorno de ansiedade. Portanto, conforme exposto anteriormente, a prescrição dos antidepressivos não ocorre somente para os transtornos depressivos, porém, se faz eficaz para diversas psicopatologias, em especial, os transtornos de ansiedade, tais como: transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de fobia social, transtorno de estresse pós-traumático e transtorno do pânico, estando os resultados da pesquisa condizentes com a indicação clínica dos antidepressivos, classe farmacológica de ampla aplicabilidade terapêutica (PRADO et al., 2017; STAHL, 2014).

Vale destacar também que, ao se estabelecer o plano terapêutico do usuário, pode-se optar pela associação de antidepressivos com psicofármacos pertencentes a outros grupos, tais como o Lítio, considerado um estabilizador de humor clássico, a Quetiapina, um antipsicótico atípico e a Carbamazepina, um anticonvulsivante, também utilizado para transtornos de humor (CORDIOLI et al., 2015). Essas associações foram observadas na presente pesquisa no quadro 1.

No que diz respeito ao lítio, o fármaco mais prescrito para os usuários entrevistados do CAPS III de Iguatu, seu mecanismo de ação não foi plenamente elucidado, embora acredita-se que atue inibindo a inositol monofosfatase, exibindo ainda ações regulatórias nas cascatas bioquímicas mediadas pelas proteínas G da membrana, o que também pode lhe conferir uma ação neuroprotetora (NUNES; FORLENZA & GATTAZ, 2007).

Como mostra na Tabela 2, para o DSC B, destaca-se que os antidepressivos se tornam eficazes, conforme pontuado por outros estudos, pois mostram-se eficazes para a redução dos sintomas da depressão, principalmente no que diz respeito à ideação suicida e ao humor deprimido e retardo psicomotor (STAHL, 2014). Todavia, muito embora as terapias farmacológicas tenham fornecido significativa melhora nos quadros clínicos, apresentam reações adversas relativas ao uso e à adaptação ao fármaco (XAVIER et al, 2014).

Dessa forma, mesmo que os antidepressivos constituam um recurso medicamentoso válido, sua eficácia pode ser percebida pelos usuários como insatisfatória, conforme pontuado por 20% dos participantes do presente estudo. Isso se deve aos impactos desfavoráveis existentes – tanto atrelado aos efeitos adversos, bem como às falsas expectativas depositadas

no recurso medicamentoso e continuamente fomentadas por uma sociedade amparada no imediatismo terapêutico.

Refletindo acerca da dependência ao medicamento expressa pelos participantes na tabela 3, esse fato pode estar associado também ao discurso medicalizante prevalente na sociedade contemporânea, reforçado pelas indústrias farmacêuticas e alguns profissionais da área das ciências médicas, que visa subjugar e condicionar o sujeito ao uso crônico de antidepressivos para o tratamento da dor emocional, psicológica, de aspecto subjetivo (SILVA; PIANO; HUNSCHE, 2013).

Na proporção em que o corpo social promove que se deve impossibilitar as questões de sofrimento, encoraja o consumo de psicofármacos, fomentando uma idealização imaginária de resolução dos enigmas existenciais, sem levar em consideração que o sofrimento humano faz parte da vivência individual e é inerente à condição humana, o que muda, de fato, são os limiares de resiliência e os mecanismos de enfrentamento que adotamos. Porém, esse constructo cultural, essa ideia social, que emerge desde meados do século XX, impulsiona a medicalização do sofrimento e aprisiona o sujeito, denominando de crônico o sofrimento (SILVA; PIANO; HUNSCHE, 2013).

Conforme expresso pela IC A na tabela 4, a combinação da psicoterapia e da psicofarmacologia, é recorrente para o manejo da depressão e da ansiedade, contudo, é necessário levar em consideração os quadros clínicos de cada indivíduo, traçando um projeto terapêutico singular. Além disso, alguns autores pontuam que, no caso dos transtornos depressivos leves e moderados, pode existir um manejo psicoterápico independente da abordagem farmacológica, o contrário também é verdade. Todavia, para alguns transtornos de ansiedade, como o transtorno de estresse pós-traumático e fobias, as abordagens psicoterapêuticas, como a terapia cognitiva comportamental (TCC), mostram-se, por vezes, mais efetivas do que a terapia medicamentosa com antidepressivos (OLIVEIRA; SCHWARTZ; STAHL, 2015).

Desse modo, destaca-se que a medicação vai agir puramente nos fatores biológicos do sujeito, normalizando as funções orgânicas, atuando a nível de neurotransmissores e enzimas, por exemplo, porém a psicoterapia consente que alguma resposta psicológica seja fornecida através da fala do sujeito (OLIVEIRA; SCHWARTZ; STAHL, 2015). Nesse sentido, o profissional deve ter arcabouços teóricos, permitindo possibilidades terapêuticas para o indivíduo que se encontra em acompanhamento farmacológico e psicoterápico. Não obstante,

deve haver impreterivelmente comunicação entre os profissionais atuantes no plano terapêutico, em especial, quando houver implicações diretas sobre o estado clínico do paciente, estabelecendo uma atuação interdisciplinar e multiprofissional – essencial para a atenção holística em saúde mental –, visando a eficácia da terapia medicamentosa e psicoterápica (SILVA; PIANO; HUNSCHE, 2013).

Nesse contexto, destaca-se, todavia, que os resultados observados para a presente pesquisa, não devem ser extrapolados para outros contextos particulares de eficácia acerca do uso de antidepressivos e integração das psicoterapias, em especial, considerando o número amostral de dez participantes.

Considerações finais

Não existe um consenso entre os pesquisadores acerca da real eficácia dos antidepressivos das diferentes classes e para os diversos tipos de depressão, sendo esse um tema de investigação atual no campo da psicofarmacologia. Esse fenômeno ancora-se em diversos fatores, mais notadamente no desconhecimento de aspectos etiológicos referente ao desencadeamento dos transtornos depressivos, como também desconhecimento relativo do real mecanismo de ação dos antidepressivos, uma vez que a adoção de vários psicofármacos na prática clínica, precede aos estudos que visam elucidar a farmacodinâmica desses compostos.

Destaca-se, todavia, que a presente pesquisa tornou possível identificar e discutir as variáveis socioeconômicas e clínicas dos usuários, assim como pontuar os principais antidepressivos prescritos, com destaque para a classe dos ISRS, bem como demais psicofármacos adotados em associação – Lítio, Quetiapina e Carbamazepina –.

Além disso, observou-se também o emprego das psicoterapias no CAPS III de Iguatu, o que tornou viável discutir a aplicabilidade das abordagens psicoterápicas no contexto do uso das terapias farmacológicas com antidepressivos, ressaltando o valor de ambas e ponderando acerca da sua eficácia e da sua utilização, com foco para o trabalho multidisciplinar, visando um tratamento holístico e centrado nas reais necessidades do usuário. Salienta-se ainda que, uma maioria expressiva da amostra referiu que o tratamento com antidepressivos é eficaz, esboçando também certa dependência do recurso medicamentoso.

Portanto, de acordo com os resultados apresentados, mostra-se necessária uma discussão mais ampla, e com amostras mais representativas, referente ao uso dos antidepressivos,

abordando sua eficácia e seus fatores subjetivos de dependência medicamentosa, segundo a visão e concepção do usuário. Dessa forma, a contemplação desses aspectos pode fomentar a autonomia na condução e na formulação do projeto terapêutico singular no campo da saúde mental, assim como promover o uso racional dos referidos psicofármacos, no que concerne ao tempo de uso e aos critérios clínicos.

Referências

ALMEIDA, Rosilene Alves de; ANJOS, Ulisses Umbelino dos; VIANNA, Rodrigo Pinheiro de Toledo PEQUENO, Gutenberg Alves et al. Perfil dos usuários de substâncias psicoativas de João Pessoa. **Saúde em Debate**, v. 38, p. 526-538, 2014.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 Dez. 2012.

CORDIOLI, A et al. **Psicofármacos**: consulta rápida. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2015

CARVALHO, Marcos Danúbio Alves de; SILVA, Helder Oliveira; RODRIGUES, Leila Vieira. Perfil epidemiológico dos usuários da Rede de Saúde Mental do Município de Iguatu, CE. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 337-349, ago. 2010 .

CRUZ, Rosiberton Pereira; CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas. A Eficácia De Diferentes Tratamentos Em Pacientes Com Transtorno De Humor: Um Estudo Comparativo. **Ciências & Cognição**, [S.l.], v. 21, n. 2, dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Consulta de área, população e dados básicos dos municípios**. 2017.

JUSTO, Luís Pereira; CALIL, Helena Maria. Depressão: o mesmo acometimento para homens e mulheres?. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 74-79, 2006.

LIMA, Marina Bispo Santiago. Disfunção Cognitiva na depressão maior antes e após tratamento farmacológico, em pacientes acompanhados em hospital de referência em Salvador Bahia Brasil. 2015.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. Tendências no uso de antidepressivos entre idosos mais velhos: Projeto Bambuí. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 857-865, Dec. 2014.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa** (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira et al. Perfil de crianças e adolescentes acompanhados por um centro de atenção psicossocial infanto-juvenil. **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 8, n. 5, p. 1261-1272, 2014.

NUNES, Paula V; FORLENZA, Orestes V.; GATTAZ, Wagner. Lithium and neuroprotection: new potential uses in psychiatry **Rev. psiquiatr. clín.** São Paulo, v. 34, n. 6, p. 294-295, 2007.

OLIVEIRA, I. R.; SCHWARTZ, T.; STAHL, S. M. **Integrando psicoterapia e psicofarmacologia**: manual para clínicos. Porto Alegre: Artmed, 2015

OLIVEIRA, Jordânia Ferreira Mesquita de; SILVA, Roberto John Gonçalves da. Perfil sociodemográfico de pessoas com transtorno mental: um estudo num centro de atenção psicossocial. **Revista Eletronica Gestão & Saúde**, v. 5, n. 3, p. 862-872, 2014.

PRADO, Laura de Godoy Rousseff et al. Depressão e ansiedade em uma série de casos de esclerose lateral amiotrófica: frequência e associação com aspectos clínicos. **Rev. einstein**. V.14, n.1, p58-60, 2017.

PEIXOTO, Fabrisya Maria Saraiva et al. Perfil Epidemiológico de Usuários de um Centro de Atenção Psicossocial em Pernambuco, Brasil. **Journal of Health Sciences**, v. 19, n. 2, p. 114-119, 2017.

RIBEIRO, Aline Granada et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, Jun 2014.

SILVA, Jerto Cardoso; PIANO, Giovani; HUNSCHE, Letícia Beatriz. Medicalização e Psicoterapia: a relação entre o uso de psicofármacos e o processo de psicoterapia na adolescência. **Revista NUPEM**, v. 5, n. 9, p. 151-162, 2013.

STAHL, Stephen M. **Psicofarmacologia: bases neurocientíficas e aplicações práticas**.ed.4^a Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2014.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

PEREIRA, Thalita Alves; DUARTE, Maria Nathália Francalino; SILVA, Micaelle de Sousa; CAVALCANTE; Vitória de Oliveira; PEREIRA, Janaina Batista; BELTÃO, Izabel Cristina Santiago Lemos de. Concepção dos Usuários do Centro de Atenção Psicossocial acerca da eficácia do tratamento com Antidepressivos. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2019, vol.13, n.48 SUPLEMENTO 1, p. 312-324. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/12/2019;

Aceito: 27/12/2019